

PINGA-FOGO

■ **MINIRREFORMA** - Quem pensa que haverá mudanças apenas em uma área do governo do Rio, pode tirar o cavalo da chuva. Secretários que acham que estão seguros nas suas pastas, podem ter surpresas. O governador Cláudio Castro usa o feriado e o fim de semana para terminar o quebra-cabeça da minirreforma.

■ **MERECE APLAUSOS** - O deputado federal Dr Luizinho, líder do Progressistas na Câmara, irá protocolar, nesta quarta (11), projeto lei que vai considerar como crime hediondo qualquer ataque e violência contra o turista no Brasil. O PL considera o viajante como um ser vulnerável, por estar em um ambiente diferente do seu habitat original e a sua importância para a economia nacional. O presidente Arthur Lira endossa o pedido que poderá tramitar em regime de urgência. É uma reação rápida do legislativo ao bárbaro crime contra os três médicos no Rio, que afetou o setor de eventos.

■ **CADÊ A OPOSIÇÃO?** - Curiosa a posição do PL nacional. Pelo jeito, os parlamentares que sabem realmente fazer oposição compõem o grupo de 30 deputados federais que estão próximos do Governo Federal e são comandados pelo deputado baiano João Carlos Bacelar. Os outros 60 não conseguem mexer uma palha como bancada de oposição. O caso da distribuição bilionária de 95 cursos de medicina não recebeu nenhuma manifestação de protesto da bancada federal.

■ **REI DA INTRIGA** - Tem gente querendo entrar a todo o custo para o Governo do Estado do Rio e que, na semana passada, estava em Brasília disparando metralhadora contras as cabeças coroadas do governo que pretende servir. No passado recente, quando estava no governo anterior, antes da eleição, o seu esporte preferido era emitir passagens pagas pelo próprio estado e viajar para Brasília, com direito às diárias, para falar mal da fidelidade eleitoral do governo a qual deveria prometer fidelidade.

■ **PAES E PAZ** - O prefeito do Rio, Eduardo Paes, ligou para o presidente do HotéisRIO, Alfredo Lopes, nesta terça (10), e fez um apelo para que



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita



Fotos SindHotéis

O almoço dos gerentes gerais dos hotéis 5 estrelas foi realizado no Hotel Miramar by Windsor, na Av. Atlântica, nesta terça (10), com a presença do secretário de Turismo, Gustavo Tutuca (4º), ladeado por Alfredo Lopes e a diretora da Rede Windsor, Marcela Grille; na esquerda Sérgio Ricardo de Almeida (2º), presidente da TurisRio e o empresário Alexandre Accioly (1º), que apresentou o projeto de revitalização do Jardim de Alah e do Roxy



O presidente do HotéisRIO, Alfredo Lopes, destacou a importância do Roxy, a super casa de espetáculo do Rio, que também servirá como centro de convenções para a hotelaria da Zona Sul, podendo abrigar congressos de 1200 participantes. Uma carência da região para o setor de eventos



O empresário Alexandre Accioly foi aplaudido pelos hoteleiros quando apresentou os detalhes do projeto do novo Jardim de Alah e o impacto positivo que trará ao turismo do Rio

os hotéis não hasteassem as bandeiras de luto nesta quarta (11), em sinal de protesto. O fato poderia gerar um festival de imagens negativas para a cidade. A chamada ocorreu, por coincidência, durante o almoço mensal dos dirigentes dos hotéis cinco estrelas. Lopes levou aos hoteleiros o pedido do prefeito, que foi aprovado na hora. A missa que será celebrada no Windsor Barra nesta quarta será pela Paz e não de luto. Neste caso, a intervenção de Paes pela Paz funcionou! Em tempo, Eduardo e Alfredo são amigos de longa data. Quando era bem jovem e com mais cabelos, o então subprefeito da Barra, Dudu, teve apoio incondicional de Lopes que sempre dizia: "Este rapaz vai longe...?"

■ **NAUFRÁGIO NA SERRA** - A saída do advogado Thiago Gibrail da Controladoria-geral da Prefeitura de Petrópolis, foi rodeada por sentimentos de insatisfação, mágoa e ingratidão. Ao jornalista Rogério Tosta, Gibrail concedeu uma entrevista e não escondeu as desavenças com a primeira-dama Luciane Bomtempo e criticou a forma como o prefeito Bomtempo conduziu a resposta à tragédia das chuvas no ano passado. Quando perguntado sobre o motivo da saída disse: "Não foi fácil. Foi um conjunto de situações que me fizeram tomar essa decisão. Hoje vejo um governo pesado, quase se arrastando. Desde a primeira tragédia, ele ficou tonto. Não sabia o que fazer. No gabinete só havia choro. A Secretaria de Assistência Social se escondeu.

Não atendia os questionamentos de magistrados, defensores públicos, tampouco das promotoras de justiça. Quem assumiu o comando foi o Coronel Simão. Foi quando a tensão diminuiu. Não se podia ter politizado a tragédia. Ele não admitiu o poderio do Estado perante aquela situação. A comunicação do governo é péssima não por conta dos profissionais que lá estão. O gabinete trava tudo. Nada anda. É a vírgula; o ponto é vírgula; a crase; a cor do post. E por aí vai... não se conversa sobre política partidária, conjuntura política de possíveis alianças. Pensam que vão resolver tudo do dia para noite. Anunciou-se novas criações das Secretarias sem dialogar com o Parlamento. Perdeu a maioria dos vereadores na Câmara. O governo encontra-se inviabilizado."

■ **MAIS INDÍGENAS** - A CPI das ONGs, que acontece no Senado, pretendia ouvir nesta terça-feira (10), o presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Marcio Pochmann. Ele, porém, mandou duas representantes para depor à comissão, Iue confirmaram que houve participação de ONGs que atuam na Amazônia na mudança de critérios do Censo para identificar populações indígenas. Essa alteração teria aumentado, segundo o presidente da CPI, senador Plínio Valério (PSDB-AM), em 100% a população indígena registrada.

■ **PERGUNTA** - Uma pergunta incluída no questionário reforçaria uma resposta no sentido de a pessoa se declarar indígena, na visão de Valério. Após perguntar à pessoa a etnia, perguntava-se: "Você se considera indígena?" Uma situação que induziria uma resposta nesse sentido, para o presidente da CPI. Para Plínio Valério, uma ação para tentar criar mais territórios indígenas.

■ **CENTENÁRIO DE DOM WALDYR** - O deputado estadual Jari Oliveira (PSB) entrega, no próximo dia 20 de outubro, o Diploma Dom Waldyr Calheiros para 53 pessoas que atuaram ao lado do clérigo na luta por justiça social e por um mundo mais fraterno. A honraria foi criada pelo parlamentar e aprovada pela Alerj. A cerimônia de entrega dos diplomas será em Volta Redonda, na Câmara Municipal, às 19 horas. "Agradeço ao presidente da Alerj, Rodrigo Bacelar, por ter entendido a importância da criação do Diploma Dom Waldyr Calheiros, e aos colegas parlamentares pelo apoio unânime na aprovação dos homenageado", disse o deputado. Jari reforçou que em Volta Redonda a história é marcada por antes e depois de Dom Waldyr. "Ele mudou a história do município com suas lutas sociais e temos que homenagear as pessoas que estiveram ombro a ombro com ele ou compartilhando das suas ações em defesa dos mais vulneráveis no Estado do Rio de Janeiro", explicou o deputado.

Fernando Molica

Cúmplicidade e crime

A prisão, no Rio, do terceiro-sargento da PM Yuri Luiz Desiderati Ribeiro que transportava 150 quilos de pasta-base de cocaína apenas comprova uma obviedade que tantos fingem não ver: sem a cúmplicidade de agentes do Estado seria impossível que bandidos acumulassem tantas armas, munição, drogas e poder.

Ribeiro foi preso em flagrante por policiais civis quando, provavelmente, transportava a carga retirada de uma das favelas onde mais de mil agentes promoviam mais uma das megaoperações que aumentam o pânico, impedem o funcionamento de escolas e interrompem, por algumas horas ou poucos dias, a venda de drogas e outras atividades ilegais.

Dados disponíveis na página do Ministério Público do Rio mostram que, em sete dias, de 28 de setembro e 4 de outubro houve 43 operações policiais em favelas, 11 apenas no último dia 3. Isso dá uma média de 6,14 por dia, uma projeção de 2.241 por ano. Ninguém de bom senso acredita que em pelo menos uma dessas comunidades o tráfico de drogas ou a atuação de milicianos deixou de ocorrer. A polícia pode alegar que o domínio territorial por parte de bandidos seria ainda maior se não houvesse a pressão do aparelho repressivo. O argumento é razoável, mas não é suficiente para justificar tantos investimentos em segurança pública e resultados tão pífios. Comandada pelo general Braga Netto, a intervenção federal na segurança do Rio efetuada em 2018 custou R\$ 1,8 bilhão.

Não é simples ao menos equacionar o problema da segurança pública, transformar a situação em aceitável. Há fatores decisivos de ordem econômica e social, o país é injusto, tem uma absurda concentração de renda, teima em seguir o mode-

lo de exclusão cultivado e renovado desde a época colonial. O Brasil insiste em não amenizar a herança escravocrata. As desigualdades e a falta de esperança em uma vida melhor são combustíveis para o desespero, para a busca de alternativas fora da lei e dentro do crime.

Mas não dá pra esperar o fim das injustiças sociais para se ter uma situação melhor na segurança pública. E isso passa pelo abandono dos discursos fáceis, das histórias de tiro na cabecinha, de discursos como o do combate sem trégua à bandidagem, do comigo bandido não vai ter vida fácil. Essas frases e expressões são repetidas ao longo de décadas para justificar passividade e, em alguns casos, cúmplicidade. Enquanto as ameaças eram ditas, organizações criminosas nasceram, cresceram e se estruturaram.

A tão propaganda defesa da violência policial é, na prática, estímulo não apenas ao extermínio, mas também à corrupção. Como qualquer outro profissional — médicos, operários, jornalistas, professores, cozinheiros — policiais precisam saber que não têm poderes ilimitados, que podem ser punidos em casos de abuso e de descumprimento de regras.

Ao dar carta branca para a polícia, a sociedade vira parceira de sua própria danação, abre as portas para o descalabro, permite que políticos se associem ao crime que dizem combater. Os policiais que prenderem o sargento Ribeiro merecem todos os aplausos, mas agora é hora de aprofundar as investigações, apurar como aquela droga chegou a uma favela, às suas mãos. É preciso descobrir se há outros agentes do Estado envolvidos. E vale insistir: mais importante do que apreender armas em favelas é impedir que elas cheguem até lá.

Ricardo Cravo Albin

A tendência de forças truculentas e o choque entre elas

O sábio escritor e filósofo Bertrand Russell certa vez emitiu a trágica pergunta — "Como países cultos e históricos como Alemanha e Itália puderam gerar truculências como Hitler e Mussolini?"

Quando ouvi as primeiras declarações do extremista Bibi Netanyahu sobre a invasão de Gaza, assegurando que Israel se declarava de imediato em estado de guerra, gelei — sim, em estado de guerra brutal, logo deduzi: sem circunlóquios, sem negociações, sem as firulas diplomáticas que líderes internacionais sempre souberam exercitar com maestria e habilidades para minimizar situações extremas.

Netanyahu já era visto com temor há décadas, como líder de uma extrema direita cega, embora claríssima (vide sua desastrosa tentativa de interferência no judiciário de um país — berço de juristas e filósofos consagrados pelo mundo).

De fato, o choque entre forças truculentas era esperado: o premier radical e a organização terrorista palestina teriam mesmo um encontro marcado a provocar muito sangue, ódio e buracos inevitáveis na paz mundial. Como já agora, no terceiro dia de guerra (escrevo na segunda-feira à noite) tudo está a indicar.

As cenas que acabo de ver nos telejornais da noite são de fato horrorizantes. E o ataque por terra de centenas de tanques na cidade de Gaza por Israel é mesmo de guerra feroz em marcha. Que exhibe agora seu lado mais cruel, como em todas as guerras.

As repercussões são preocupantes

e de tirar o flego: países já se alinham em blocos, como um ainda mal maior já se desenhase. Uma guerra global. A história indica que as grandes guerras começam dessa exata maneira.

O grupo palestino extremista Hamas que controla a faixa de Gaza desde 2007 invadiu de surpresa por terra, mar e ar o território israelense na sexta-feira, projetando sobre cidades de Israel dois mil foguetes, causando incontáveis (nem me arrisco a declarar números de agora, porque a tragédia se multiplica a cada minuto) mortes e destruição. Hoje, o premier já convocou milhares de reservistas para a escalada de uma guerra imediata.

Não me cabe aqui julgar os porquês da veemência e truculência do Hamas em busca da soberania de territórios, tampouco os excessos de Israel com a política de assentamentos ilegais e de possíveis sufocamentos das populações dos espaços ocupados pela nação-berço dos judeus. Mas fique claro aqui, sim, a rejeição dos povos civilizados ao terrorismo e ao ataque brutalizado de indivíduos e famílias civis. O Hamas, poucos sabem, detém o controle do governo na Faixa de Gaza, responsabilizando-se por serviços como segurança pública (!!), coleta de lixo e até educação. O grupo terrorista, ao que suspeitam analistas internacionais, pretende se credibilizar como suprema autoridade palestina na região, em oposição a Mahmoud Abbas, hoje controverso líder da Cisjordânia, mergulhada em casos de corrupção.

De fato, esse ataque surpresa do Hamas em Israel deixou Netanyahu

muito mal entre as nações amigas, vale dizer quase todo o Ocidente. Pelo inusitado de ser surpreendido sem qualquer sintoma de aviso prévio por parte da sua Inteligência militar. Razão de a FAB ter providenciado nesta 2ª feira voos de nossas aeronaves para resgatar milhares de brasileiros que desejam deixar o país por onde transitavam. Inclusive as vítimas de uma festa brasileira de música eletrônica em Gaza na mesma sexta-feira, comandada (!!!) pelo pai do DJ Alok.

Netanyahu vem sendo acusado de ter submetido Israel ao seu mais grave buraco de desinformação estratégica desde a guerra do Yon Kippur há meio século. Bons tempos em que o estado judaico podia ostentar líderes da competência de uma Golda Meir. O mundo inteiro antevê na guerra em curso a vitória de Israel pela superioridade de seu exército e armamentos. Além do apoio do chamado Ocidente, a que o Brasil se alinha desde sempre. Além, é claro, de ser o país agredido, tal como a Ucrânia.

Uma questão inquietante: e os reféns aprisionados pelo Hamas? A última notícia é arrepiante, já que o grupo terrorista ameaça executar um refém a cada bomba lançada por Israel sobre Gaza. Meu Deus!

O venerável Sir Bertrand Russell, um dos fundadores do nosso Pen Clube Internacional em Londres, estava coberto de razão: Como países cultos como Alemanha e Itália puderam alimentar trogloditas como Hitler e Mussolini? Como um país de Golda Meir e Ben-Gurion pode ser liderado por um Bibi?